

**“ANTES DO NOME”: A LINGUAGEM ENTRE O EFÊMERO E O PERENE NA POÉTICA DE ADÉLIA PRADO**

**"ANTES DO NOME": LANGUAGE BETWEEN THE EPHEMERAL AND THE TIMELESS IN ADELIA PRADO'S POETIC**

Luciano Penelu Bitencourt Pacheco<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem o objetivo de discutir a relação especial que o poema “Antes do nome”, de Adélia Prado, estabelece com as palavras e com a linguagem, bem como a proximidade da poética da autora com uma concepção cristã da realidade. Investiga-se também como este mesmo poema, no breve espaço de seus versos, pode abrigar uma das discussões mais basilares acerca da poesia, levando em conta uma relação com conceito de linguagem, fundamentado nas contribuições de Martin Heidegger e Octavio Paz acerca do tema.

**Palavras-chave:** Adelia Prado; Poesia; Linguagem.

**ABSTRACT:** This paper aims to discuss the special relationship that the Adelia Prado's poem "Antes do nome" establishes with the words and the language, as well as the proximity of Prado's poetic with a christian conception of reality. It is also investigated how this same poem, in the brief space of its verses, can house one of the most basic discussions of poetry, taking under consideration a relationship with the concept of language, based on the contributions of Martin Heidegger and Octavio Paz on this subject.

**Keywords:** Adelia Prado; Poetry; Language.

A poeta mineira Adélia Prado (1935) disse certa vez, em entrevista ao programa *Sempre um papo*, 2008, que “qualquer coisa é a casa da poesia”. Sua fala, no geral, para tudo o que se relaciona à arte, é sempre muito coerente com aquilo que publica. A poética da autora encontra-se lastreada em crenças e leituras delineadas com precisão em qualquer entrevista que ela conceda. São raros os escritores que alcançam tal feito, esse casamento entre vida e obra, a naturalidade e o tratamento que recebem os temas prediletos da poeta, em qualquer situação. Excelentes comentadores de seus poemas, e tratarei de alguns deles adiante, vão na maioria das vezes ao encontro do que já é traçado por Adélia. Tudo é muito claro. Simples, talvez fosse o termo adequado. Ela não esconde absolutamente nada, nem mesmo a sexualidade, como seria de se esperar partindo de uma visão estereotipada acerca de um universo marcadamente cristão.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Literatura pela UFBA. E-mail: [luciano.penelu@gmail.com](mailto:luciano.penelu@gmail.com)

A religião, a filosofia e uma visão de mundo estão expostas, e, como já frisei, todas essas facetas são “a casa da poesia” adeliãna. Adélia Prado é uma exímia conhecedora da tradição filosófica, e o pensamento tomista pode ser relacionado com muita propriedade à sua poética. O professor Jean Lauand já reconheceu, por exemplo, num breve e excelente comentário intitulado “a linguagem mística do cotidiano”<sup>2</sup>, que Adélia Prado possui uma visão da realidade calcada no conceito de “participação” do pensamento de São Tomás de Aquino. O mundo enquanto participação divina é aquele em que Deus está em todas as coisas, em que o Bem está em tudo. Todos os integrantes desta realidade, inclusive nós, humanos, encontramos o nosso Ser apenas na medida em que participamos deste que É verdadeiramente, Deus. Ele está em tudo, qualquer coisa pode ser a sua morada. Portanto, todas as frações do mundo são cheias de poesia, uma vez que se relacionam ao espírito santo.

Ora, se a poesia é algo extremamente divino para Adélia e pode estar em tudo, o seu olhar sobre o mundo está longe de ser desatento. Com impressionante agudez, ela perscruta as coisas aparentemente triviais em busca de epifania, e entende que, por detrás do mundo, e inclusive das palavras e da linguagem, algo maior, divino, se esconde. Este é o cerne do poema “Antes do nome”, integrante de *Bagagem*, primeiro livro publicado pela poeta em 1976. Vejamos o texto:

Não me importa a palavra, esta corriqueira.  
 Quero é o esplêndido caos de onde emerge a sintaxe,  
 os sítios escuros onde nasce o ‘de’, o ‘aliás’,  
 o ‘o’, o ‘porém’ e o ‘que’, esta incompreensível  
 muleta que me apoia.  
 Quem entender a linguagem entende Deus  
 cujo Filho é Verbo. Morre quem entender.  
 A palavra é disfarce de uma coisa mais grave, surda-muda,  
 foi inventada para ser calada.  
 Em momentos de graça, infrequentíssimos,  
 se poderá apanhá-la: um peixe vivo com a mão.  
 Puro susto e terror. (PRADO, 1991, p. 22)

Os versos, de aparente simplicidade, comportam alguns dos temas mais recorrentes e fundamentais da poesia, debatidos também exaustivamente ao longo de toda a trajetória do pensamento ocidental. Estudiosos do tema mais recentes como Octavio Paz e Martin Heidegger discutiram com esmero a relação entre o poema e as palavras, entre a linguagem e a essência (palavra espinhosa nos dias atuais) do homem. Trago para o diálogo *O arco e a lira*, de Paz, e *A caminho da linguagem*, de Heidegger, por entender que

<sup>2</sup> O texto pode ser lido em < <http://www.jeanlauand.com/page58f.htm>>

estas obras contribuirão para o entendimento das propostas estético-filosóficas contidas no poema citado.

Os pensadores escolhidos para esta análise consideram que a efemeridade das palavras cotidianas está muito distante da natureza última da linguagem. É o que diz o verso adeliano “Quem entender a linguagem entende Deus”. Assim, o que fica é que, para Adélia, a linguagem possui íntima relação com aquele que É, e não sofre a ação do tempo.

O verso em destaque e os seguintes, aliás, me fazem evocar um pensador que não estava previsto. Permitam-me trazer algumas ideias discutidas por Giorgio Agamben em *Ideia da prosa*, no capítulo “Ideia da linguagem”, que trata da narrativa “Na colônia penal”, de Franz Kafka. Recordemos brevemente o enredo do conto kafkiano: um explorador estrangeiro é convidado a conhecer uma colônia penal na qual se pratica a pena de morte aos condenados. Tal pena é efetivada através de uma estranha máquina, cheia de compartimentos e funções inusitadas, totalmente automática. Num lento ritual de tortura, o aparelho inscreve na pele do condenado, com tintas e agulhas, a sua sentença. Todo o serviço da máquina é apresentado ao explorador pelo oficial. Este relata o procedimento e também o histórico daquela invenção, e conta que o ritual da penitência leva geralmente seis horas. Depois de intenso sofrimento, quando é chegada a sexta hora, o condenado finalmente consegue compreender a sua sentença. E não é uma compreensão corriqueira: a inscrição tatuada na pele é estranha, um desenho que não se assemelha a nenhum idioma conhecido.

O pobre condenado chega ao entendimento de maneira muito tardia através das feridas abertas pelo aparelho, e não parece ser um entendimento racional. Mas, logo depois, a máquina o atravessa e mata, lançando o condenado ao fosso logo abaixo dela. Em seu texto, Agamben afirma logo de chofre que a máquina de tortura kafkiana é a linguagem. Conclusão delicada, que ele segue delineando ao longo de seu breve texto. Vejamos a compreensão do pensador sobre a narrativa de Kafka, e conseqüentemente sobre a linguagem:

Os homens, poder-se-ia dizer, vivem a sua existência de seres falantes sem entenderem o sentido da linguagem; mas para cada um deles trata-se de uma sexta hora na qual até o mais estúpido vê a razão abrir-se. Naturalmente, não se trata da compreensão de um sentido lógico, que também poderia ser lido com os olhos; trata-se de um sentido mais profundo, que não pode ser decifrado a não ser através das feridas, e que só é atribuível à linguagem enquanto punição (é por isso que o domínio da lógica é o do juízo; de fato, o juízo lógico é uma sentença, uma *condenação*). (AGAMBEN, 2013, p. 114)

A narrativa de Kafka interpretada por Agamben e o poema de Adélia Prado parecem tratar da linguagem sob compreensões muito semelhantes. Quando a poeta diz que “Quem entender a linguagem entende Deus / cujo Filho é Verbo. Morre quem entender”, ela afirma que é impossível ao homem conhecer totalmente a linguagem, que seria um dos mistérios divinos, nesse caso um dos mais fundamentais. Agamben nos diz que esse entendimento da sexta hora no condenado de Kafka não se apresenta através de um sentido lógico, e ele não é permanente.

A compreensão que se apresenta a partir do ato da inscrição / leitura / contato com o poético é efêmera, mas certamente ecoará em nós, ainda que impossível de segurar indeterminadamente, como o peixe vivo de Adélia. “Puro susto e terror”, esse momento sutil é o da revelação poética. O peixe, aliás, consta nos versos principalmente por ser algo tão difícil de segurar nas mãos, saído recentemente da água e ainda lutando pela vida. Mas, como nada aqui é gratuito, foi provavelmente escolhido também por ser um dos símbolos mais caros ao cristianismo.

Em “A linguagem”, primeiro capítulo de *A caminho da linguagem*, Heidegger trata de maneira muito especial acerca da linguagem e de sua relação com a poesia. De imediato, o pensador alemão confessa toda a dificuldade (como o faz também o poema de Adélia Prado) em falar sobre a linguagem. Heidegger chega mesmo a admitir que “falar da linguagem talvez seja ainda pior do que escrever sobre o silêncio”. (HEIDEGGER, 2012, p. 08). Nas linhas subsequentes, o filósofo defende que não pretende aprisionar a linguagem, colocá-la a serviço de representações prontas e acabadas. Muito menos, afirma, é viável trazer a linguagem para o discurso, mas, ao contrário, e aí estaria toda a dificuldade da empreitada, é preciso que nos conduzamos em direção à sua morada. Para chegar ao seu cerne, para poder pensar a linguagem, precisamos, para Heidegger, “morar na linguagem”. (2012, p. 09).

Eis um real desafio, e não apenas ao pensamento filosófico: lidar com esse aspecto limitante por um lado, mas aparentemente decisivo para a delimitação dos contornos daquilo que costumamos chamar de “condição humana”. Observamos que tanto o poema de Adélia Prado quanto a narrativa de Kafka interpretada por Agamben ressentem-se da impossibilidade do contato direto, e demonstram uma consciência aprimorada, reveladora, de que há um abismo entre as palavras e a essência da linguagem. No dizer de Heidegger, por exemplo, as clássicas definições da linguagem não conseguem abarcá-la em sua totalidade. Linguagem não é um mero instrumento de comunicação humana. Heidegger pondera que esta concepção é até válida, mas ela exclui o que há de mais fundamental

acerca da linguagem em nossas considerações, “deixando inteiramente inobservado o cunho mais antigo da essência da linguagem. Apesar de antigas e compreensíveis, elas nunca se dirigem à linguagem como linguagem.” (HEIDEGGER, 2012, p. 11). Sendo assim, a linguagem teria a sua própria voz, e, a fim de morarmos nela, precisaríamos escutá-la. Como seria possível pensar a linguagem enquanto tal? Onde poderíamos tê-la em todo o seu esplendor, e no dizer de Heidegger, ouvir a sua voz? Apenas na poesia.

Somente o poético conserva a peculiaridade de dizer algo genuinamente. Não é por acaso que o poema de Adélia Prado quer ir além das palavras. Como salienta Heidegger, a linguagem é a casa do Ser, e ela só pode fazer morada no poético. Quando ouvimos aquilo que se diz de maneira genuína, o poema, ouvimos de certo modo o falar da linguagem. E, poderíamos nos perguntar, qual é a razão de tamanha dificuldade? A linguagem, como o peixe adelião, não permanece entre nós, bem como o instante poético, que é muito sutil. Para Heidegger, as palavras do cotidiano possuem a sua origem no falar da linguagem. Contudo, com o tempo, essas palavras se tornaram sujas, utilizadas à exaustão, como se fossem poemas amarrotados.

Um breve parêntese aqui para algumas das considerações fundamentais do estudo *Linguagem e Mito*, de Ernst Cassirer, para quem, num estágio anterior e mítico da humanidade, as palavras tinham, tanto em sua origem como em sua utilização, em muitas culturas, um caráter mágico. Inauguravam o universo, tinham propriedades especiais, conferiam poderes:

Nos relatos da Criação de quase todas as grandes religiões culturais, a Palavra aparece sempre unida ao mais alto Deus criador, quer se apresente como o instrumento utilizado por ele, quer diretamente como o fundamento primário de onde ele próprio, assim como toda a existência e toda a ordem de existência provém. O pensamento e sua expressão verbal costumam ser aí concebidos como uma só coisa, pois o coração que pensa e a língua que fala se pertencem necessariamente. (CASSIRER, 2006, p. 65)

Assim é que o Eu lírico na poesia de Adélia rejeita as palavras cotidianas, como ademais é expediente de toda a poesia, e busca a essência da linguagem, muito além delas. Para Heidegger “Poesia nunca é propriamente apenas um modo mais elevado da linguagem cotidiana. Ao contrário. É a fala cotidiana que consiste num poema esquecido e desgastado, que quase não mais ressoa.” (HEIDEGGER, 2012, p. 24). Ora, com isso o pensador alemão quer dizer que a poesia está potencialmente em tudo o que se diz. Contudo, no cotidiano, essa poesia é quase inaudível. Adélia bem o sabe, pois opera

constantemente o seu olhar atento a tudo o que a cerca, sabendo que todas as coisas são capazes de revelar o divino, que, em seu caso, como vimos, está intimamente relacionado ao poético. Adélia Prado quer ultrapassar a barreira inicial das palavras, pois sabe que para além delas está a essência da linguagem, e afirma que tal essência está próxima do mistério de Deus. Sua busca é pelo caos, pela força divina daquilo que segundo Heidegger só se revela na quietude. Escutar a poesia é escutar a sexta hora da linguagem, como nos condenados da “Colônia Penal”. Como diz um verso do poema de Adélia, a linguagem “foi inventada para ser calada”. O problema é que, assim como a máquina de Kafka e o peixe de Adélia, ela não se permite deter por muito tempo.

Em *O arco e a lira*, Octávio Paz possui também um capítulo intitulado “A linguagem”. Nele, Paz estabelece, em sintonia com o estudo de Cassirer, que nem sempre estivemos assim tão distantes de nossa morada. Outrora, no mundo mítico, o rito era:

uma reprodução da realidade, capaz de re-engendrar-la. Falar era re-criar o objeto aludido. A pronúncia exata das palavras mágicas era uma das primeiras condições de sua eficácia. (PAZ, 2012, p. 37)

Com a crescente dessacralização e o conseqüente triunfo da lógica sobre o aspecto mítico da existência, a humanidade foi se afastando dessa relação direta e confiante com a linguagem. Percebemos, como salienta Paz, que “entre as coisas e seus nomes se abria um abismo” (PAZ, 2012, p. 37). Entramos então num período de desconfiança. Não havia mais uma ligação óbvia entre o objeto e seu correspondente linguístico, entre signo e significado. A partir daí, mergulhamos em uma série de crises epistemológicas. Paz afirma inclusive que, no pensamento, “todo período de crise se inicia ou coincide com uma crítica da linguagem. De repente se perde a fé na eficácia do vocábulo” (PAZ, 2012, p. 37). Em parte, é o que observamos em “Antes do nome”, de Adélia. Há uma dificuldade com relação às palavras, que é inclusive um dos traços constantes na literatura do século passado. Adélia, que possui convicções metafísicas consistentes, sabe que há algo de muito limitado e sujo, como vimos, nas palavras corriqueiras. A poeta reconhece nesses versos que há mais, e, de acordo com o pensamento de Heidegger, a linguagem pode ser concebida como algo muito mais especial, empobrecida e automatizada em seu uso comezinho, mas em sua intimidade dotada de uma força apenas conhecida por quem convive com a efemeridade do poético.

Os versos de Adélia denotam uma consciência muito grande acerca do que discutimos até então. Paz pondera que “a beleza é inatingível sem as palavras” (PAZ. 2012, p.37). Precisamos delas, e contraditoriamente do que está além delas. É no cerne da linguagem que encontramos o “esplêndido caos” referido pela autora. Adélia sabe, tal qual coloca Paz, que “a palavra é o próprio homem. Somos feitos de palavras. Elas são a nossa única realidade ou, pelo menos, o único testemunho de nossa realidade” (PAZ. 2012, p. 38).

A autora, em sua construção metafísica da realidade, na intimidade que revela a todo instante possuir com Deus, nos lembra constantemente que o caminho que escolheu para estabelecer sua religação com o sagrado foi o caminho poético, e que o poema não pode ser constituído sem as palavras. Contudo, o artífice da palavra não pode se contentar com qualquer disposição de signos. Tanto o poema de Adélia quanto o texto de Kafka lido por Agamben, ou o pensamento de Heidegger, estão em sintonia com Octavio Paz, conforme demonstra a seguinte passagem de seu capítulo:

a linguagem, em sua realidade última, nos escapa. Essa realidade consiste em ser algo indivisível e inseparável do homem. A linguagem é uma condição da existência do homem, e não um objeto, um organismo ou um sistema convencional de signos que podemos aceitar ou desprezar. (PAZ, 2012, p. 39)

Não podemos desvelar todos os mistérios em torno da linguagem, assim como não o podemos fazer com relação ao homem. Se linguagem e homem possuem origem em comum, e se, na visão de mundo de Adélia, há um Deus responsável pela criação de todas as coisas, estão evidentes os motivos que conduziram o verso adeliano a afirmar que morreria aquele que conhecesse por completo a linguagem. A vida perderia a sua finalidade. O homem superaria a sua condição originária e limitada, e se colocaria diretamente no patamar do divino. As palavras e a linguagem demarcam a ação do homem diante da realidade, limitam nosso alcance, mas sem ela não teríamos o mundo humano, e nem ao menos o lampejo da sexta hora kafkiana ou os breves segundos de contato com o peixe vivo que é o poético. Neste sentido o texto de Paz também encontra profunda afinidade com o poema de Adélia Prado:

Nos lábios de crianças, loucos, sábios, cretinos, apaixonados ou solitários brotam imagens, jogos de palavras, expressões surgidas do nada. Por um instante, brilham ou lampejam. Depois se apagam. Feitas de matéria inflamável, as palavras ardem no instante em que são tocadas pela imaginação ou pela fantasia. Mas são incapazes de guardar seu fogo. A fala

é substância ou alimento do poema, mas não é o poema. (...) O poema é linguagem erguida. (PAZ, 2012, p. 43)

A efemeridade da palavra, tão bem simbolizada no poema de Adélia, contrasta com a ligação que o poético pode estabelecer, ainda que rápida, entre os homens e o sagrado. E, ainda, Adélia Prado deseja mais. Quando ela pontua que não lhe interessam as palavras, e a todo instante que a poesia é o elo de ligação que ela escolheu com as coisas divinas, ela parece apontar para uma necessidade de, como colocou Heidegger, morar na linguagem. Lá, ela poderia estar mais próxima do Senhor. De certa forma, essa busca parece contraditória, se pensamos na limitação inicial da condição humana discutida na página anterior. No entanto, ao que parece, é justamente a busca por esta superação, a tentativa de contemplar o que está mais além, que caracteriza o impulso religioso de qualquer cultura, e também o “milagre” do instante poético.

Neste sentido, em *Frequentação de um poema*, ao analisar “Rosa Mística”, outro poema de Adélia Prado, Haquira Osakabe pondera que esse texto, de acordo com o que é estabelecido pelo Eu poético da autora nos versos, é capaz de conferir “autonomia ontológica” aos seres criados por ele. A arte poderia significar assim uma resposta à precariedade da existência material, criar, com a parcela mítica e mágica da linguagem, um mundo todo especial, ainda que efêmero. Em outro momento do texto, Osakabe afirma que “a construção da poesia, segundo Adélia Prado, de fato resulta da necessidade vital da fixação do Belo.” (OSAKABE, 1996, p. 65) A poeta combate a limitação material, e, no caso de “Antes do nome”, da própria palavra, em busca da experiência mística, e na tentativa de prolongar a duração do sentimento do Belo na vida ordinária.

Contudo, vale lembrar, ela salienta que não é possível entender a linguagem, assim como o cristão sabe que não poderá compreender os desígnios de Deus. Mas, em sua relação com a linguagem, como o é com toda a realidade, ela busca participar da graça divina, empregando os recursos e os dons que possui.

Segundo Paz, este também seria o fim derradeiro da poesia:

E aqui teríamos de perguntar: uma vez reconquistada a unidade primitiva entre o mundo e o homem, onde ficariam as palavras? O fim da alienação seria também o fim da linguagem. A utopia terminaria, como a mística, no silêncio. Enfim, seja qual for nosso juízo sobre essa ideia, é evidente que a fusão – ou melhor: a reunião – da palavra com a coisa, do nome com o nomeado, exige uma prévia reconciliação do homem consigo mesmo e com o mundo. Enquanto não se der essa mudança, o poema continuará sendo um dos recursos do homem para ir, adiante de si mesmo, ao encontro do que profunda e originalmente é. Portanto, não podemos confundir o faiscar do

poético com as empreitadas mais temerárias e decisivas da poesia. (PAZ, 2012, p. 45)

Paz coloca, como é corriqueiro no entendimento de Adélia Prado, a poesia no mesmo patamar das experiências metafísicas religiosas. Enquanto integrante da realidade, o homem não pode prescindir das palavras. Contudo, em sua intimidade, a poesia, em íntima conexão com a linguagem, é um dos poucos recursos que possuímos para ir além da suposta materialidade. Em germe, ela tem o potencial de ser muito mais do que um gesto efêmero de epifania. Ao eliminar as barreiras entre o mundo e o homem, entre nós e as coisas, entraríamos, de maneira ideal, uma vez mais no mundo mítico, que é explorado por Paz na mesma obra, no capítulo “Os signos em rotação”. Passaríamos a compor uma unidade com o universo, desejo maior de qualquer caminho espiritual.

Assim, a máquina de tortura não poderia mais nos machucar, não teríamos que atravessar o tormento de decifrar a dolorosa inscrição, e não precisaríamos mais das palavras para compreender a realidade. Tão devotada que é às coisas espirituais, Adélia Prado não pode se furtar de almejar este patamar da plenitude. Se o caminho escolhido foi o da poesia, ela parece então procurar fazer com que esses “momentos de graça” sejam mais constantes, uma vez que provavelmente não podem ser plenos, diminuindo a sua distância com relação aos mistérios divinos.

Tratando de outro poema no supracitado texto, Haquira Osakabe reconheceu em Adélia a rara habilidade de empreender esse “entrelaçamento tão perfeito entre uma composição e sua filosofia” (OSAKABE, 1996, p. 63) que é algo realmente espantoso. Trouxemos à baila aqui alguns dos nomes fundamentais acerca do que foi pensado quanto à poesia e à linguagem no século XX, além da narrativa de Kafka interpretada por Giorgio Agamben, e ficamos com a impressão de que o pequeno e aparentemente simples poema de Adélia Prado os acompanhou de perto em tudo. A grandeza de poemas como “Antes do nome” reside em empreender a ingrata mas fundamental missão da poesia, de nos conduzir em direção à linguagem, ao divino, ao que seria, de acordo com esta visão de mundo, essencialmente humano.

Algo permanece em nós depois da leitura do poema, ainda que posteriormente sejamos lançados uma vez mais de volta à realidade objetiva, carregada de palavras desgastadas.

## Referências:

AGAMBEN, Giorgio. **Ideia da prosa**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

CASSIRER, Ernst. Linguagem e Mito. São Paulo: Perspectiva, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Petrópolis: Vozes, 2012.

OSAKABE, Haqira. Frequentação de um poema. In: **Homenagem a João Luiz Lafeté**. São Paulo, Nova Alexandria/ Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada e Diretório Acadêmico da FFLCH-USP, 1996. P. 61-68.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

PRADO, Adélia. **Poesia Reunida**. Rio de Janeiro: Siciliano, 2001.

Recebido em 25/08/2016  
Aprovado em 10/09/2016